



A IMPRENSA COMO FERRAMENTA DE PODER: CORONELISMO E DISPUTA POLÍTICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA (1911-1917)

THE PRESS AS A TOOL OF POWER: CORONELISMO AND POLITICAL DISPUTE
IN VITÓRIA DA CONQUISTA (1911-1917)

LA PRENSA COMO HERRAMIENTA DE PODER: CORONELISMO Y DISPUTA
POLÍTICA EN VITÓRIA DA CONQUISTA (1911-1917)

Alan Araujo Barbosa¹

Resumo: Este artigo analisa o papel da imprensa em Vitória da Conquista, Bahia, durante os anos de 1911 a 1917, através dos jornais *A Conquista* e *A Palavra*, com foco nas dinâmicas de poder e nas disputas políticas no contexto do coronelismo. O objetivo central da pesquisa é investigar como esses periódicos foram usados como ferramentas de propaganda política pelas elites locais, contribuindo para a construção e manutenção de narrativas de poder. A pesquisa examina as tensões políticas e as estratégias discursivas empregadas pelos jornais, destacando o confronto entre as facções coronelistas e como a mídia local se tornou um campo de disputa. A metodologia adotada é a Análise de Discurso (AD), com uma abordagem descritiva e qualitativa, utilizando fontes primárias como os próprios jornais e livros da época. O estudo revela que os jornais não apenas refletiam as tensões sociais e políticas, mas também atuavam como instrumentos ativos na consolidação da hegemonia das elites, refletindo as relações de subordinação e o controle social da época.

Palavras-chave: Jornalismo. Coronelismo. Hegemonia política. Análise de Discurso. Vitória da Conquista.

Abstract: This article analyzes the role of the press in Vitória da Conquista, Bahia, during the years 1911 to 1917, through the newspapers *A Conquista* and *A Palavra*, focusing on power dynamics and political disputes within the context of the coronelismo system. The main objective of the research is to investigate how these newspapers were used as tools of political propaganda by the local elites, contributing to the construction and maintenance of power narratives. The research examines the political tensions and the discursive strategies employed by the newspapers, highlighting the confrontation between the coronelista factions and how the local media became a field of dispute. The adopted methodology is Discourse Analysis (DA), with a descriptive and qualitative approach, using primary sources such as the newspapers themselves and books from the time. The study reveals that the newspapers not only reflected the social and political tensions but also acted as active instruments in consolidating the hegemony of the elites, reflecting the relations of subordination and social control of the time.

Keywords: Journalism. Coronelismo. Political Hegemony. Discourse Analysis. Vitória da Conquista.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Comunicação e Formatos Narrativos pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bel. em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). alanaraujo.br@hotmail.com

Resumen: Este artículo analiza el papel de la prensa en Vitória da Conquista, Bahia, durante los años de 1911 a 1917, a través de los periódicos *A Conquistac* y *A Palavra*, con un enfoque en las dinámicas de poder y en las disputas políticas dentro del contexto del coronelismo. El objetivo principal de la investigación es investigar cómo estos periódicos fueron utilizados como herramientas de propaganda política por las élites locales, contribuyendo a la construcción y mantenimiento de narrativas de poder. La investigación examina las tensiones políticas y las estrategias discursivas empleadas por los periódicos, destacando el enfrentamiento entre las facciones coronelistas y cómo los medios locales se convirtieron en un campo de disputa. La metodología adoptada es el Análisis del Discurso (AD), con un enfoque descriptivo y cualitativo, utilizando fuentes primarias como los propios periódicos y libros de la época. El estudio revela que los periódicos no solo reflejaban las tensiones sociales y políticas, sino que también actuaban como instrumentos activos en la consolidación de la hegemonía de las élites, reflejando las relaciones de subordinación y el control social de la época.

Palabras clave: Periodismo. Coronelismo. Hegemonía política. Análisis del Discurso. Vitória da Conquista.

INTRODUÇÃO

A imprensa tem desempenhado um papel fundamental na construção das dinâmicas sociais e políticas ao longo da história. No contexto de Vitória da Conquista, no início do século XX, os jornais “A Conquista” e “A Palavra”, fundados, respectivamente, em 1911 e 1917, emergiram como veículos centrais em um cenário marcado por disputas políticas e pelo predomínio do coronelismo. Mais do que simples registros de eventos, essas publicações configuraram-se como instrumentos de poder, servindo aos interesses das elites locais e moldando a opinião pública em consonância com os objetivos das facções dominantes.

Os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917), publicados em Vitória da Conquista, podem ser encontrados em arquivos históricos, bibliotecas universitárias e centros de pesquisa especializados na preservação da memória jornalística e política da Bahia. No caso da pesquisa em questão, foram analisadas 16 edições desses periódicos, sendo, em sua maioria, encontradas no Arquivo Privado do Escritório do Advogado e Professor Universitário Dr. Rui Medeiros, em Vitória da Conquista. Algumas edições também foram acessadas no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, sob administração da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Esses acervos são fontes essenciais para a análise das dinâmicas políticas e sociais da cidade e região, durante o período de coronelismo, proporcionando um panorama detalhado das disputas locais e da influência da imprensa na manutenção da hegemonia das elites coronelistas.

A pesquisa tem como objetivo central analisar a maneira como os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917), publicações de Vitória da Conquista, Bahia, operaram como instrumentos de poder político durante o período de 1911 a 1917, marcado pela forte presença do coronelismo na região. O estudo se propõe a investigar como esses periódicos não apenas documentaram, mas também contribuíram para consolidar a hegemonia das elites locais, especialmente através da construção e manutenção de um consenso popular que sustentava a ordem política imposta pelos coronéis. A análise será centrada nas vozes presentes nos discursos dos jornais, visando a compreender de que maneira esses veículos de comunicação atuaram como agentes de poder e controle social.

De forma mais específica, a pesquisa busca atingir os seguintes objetivos: Primeiramente, pretende-se investigar as vozes presentes nos jornais, com um foco particular nas diferentes perspectivas expressas pelas facções políticas que se enfrentavam no cenário local. A análise dessas vozes será realizada a partir dos conceitos bakhtinianos de polifonia e heteroglossia. Tais conceitos serão fundamentais para entender como diferentes discursos, que representam interesses e posições políticas diversas, manifestam-se no jornalismo da época. A partir da análise desses discursos, espera-se compreender como o jornal se torna um campo de disputa onde múltiplas vozes, muitas vezes contraditórias, se intercalam e competem pelo espaço da legitimação política.

Em segundo lugar, a pesquisa buscará analisar como a imprensa local contribuiu para a construção e manutenção da hegemonia das elites coronelistas. Através da análise da forma como os jornais moldam a percepção pública, o estudo pretende verificar como os jornais foram capazes de gerar uma adesão aparentemente natural e não contestada por parte das massas à ordem política das facções dominantes. Esse consenso não era apenas resultado da propaganda explícita, mas da capacidade dos jornais de criar uma narrativa em que a hegemonia do grupo dominante parecia inevitável e incontestada.

Por fim, a pesquisa investigará o papel da mídia na legitimação do poder político e no controle social. O objetivo é compreender como os jornais ajudaram a reforçar as estruturas de poder locais, marginalizando ou silenciando vozes dissidentes, e como essa dinâmica contribuiu para a manutenção da hierarquia social e política. Através da análise de como as estratégias de poder eram disseminadas nos discursos jornalísticos, será possível perceber o quanto esses periódicos foram fundamentais não apenas para informar, mas para sustentar o *status quo* político.

Este estudo se justifica pela relevância histórica e social da imprensa na construção das relações de poder em contextos locais. Vez que, a análise dos jornais permitiu não apenas o resgate de uma memória histórica crucial para entender o coronelismo na Bahia, mas também contribui para reflexões sobre o papel do jornalismo na legitimação ou contestação do poder. Mais do que uma retrospectiva histórica, esta pesquisa oferece uma leitura crítica do jornalismo como espelho e motor das transformações sociais, reforçando sua relevância no entendimento das relações políticas e culturais de Vitória da Conquista.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base na Análise de Discurso (AD), para investigar como os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917) refletiram e influenciaram as disputas políticas em Vitória da Conquista, Bahia, durante o período de 1911 a 1917. Esses jornais foram escolhidos devido ao seu papel central na cobertura das dinâmicas políticas locais, especialmente nas disputas entre as facções lideradas pelos coronéis Gugé e Pompílio. A análise dos periódicos permite uma reflexão sobre como a imprensa, ao construir discursos políticos, configurou-se como uma ferramenta de poder nas mãos das elites coronelistas.

A coleta de dados foi realizada a partir de dois acervos principais: o Arquivo Privado do Escritório do Advogado e Professor Universitário Dr. Rui Medeiros, localizado em Vitória da Conquista, e o Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, sob a administração da Prefeitura Municipal. Esses acervos foram selecionados devido à sua relevância histórica, já que abrigam edições significativas dos jornais em questão, preservando a memória jornalística e política da cidade. O recorte temporal da pesquisa abrange as edições publicadas entre 1911 e 1917, uma vez que esse período foi crucial para as disputas políticas que caracterizaram o domínio do coronelismo na região.

A escolha das edições foi pautada por alguns critérios específicos das edições encontradas. Primeiramente, o foco recaiu sobre as publicações de temporalidade relevante, ou seja, as edições que coincidem com os momentos de maior tensão política entre as facções lideradas pelos coronéis, especialmente os confrontos e as articulações políticas que envolviam os jornais. Em segundo lugar, foram selecionados excertos discursivos que apresentassem uma discussão direta sobre a política local, como editoriais, artigos e cartas ao diretor, que permitissem identificar claramente as estratégias de poder e a construção de narrativas políticas. Além disso, a legibilidade e conservação das edições também foi um critério importante na seleção, uma vez que algumas edições dos jornais estavam deterioradas ou incompletas.

A análise dos dados seguiu um procedimento que articulou o referencial teórico da Análise de Discurso, com ênfase nos conceitos de polifonia, dialogismo e heteroglossia, provenientes das obras de Mikhail Bakhtin. Esses conceitos foram escolhidos por sua capacidade de explicitar como diferentes vozes competem e se combinam nos discursos, um processo essencial para entender as disputas políticas e as tensões de poder presentes nos jornais. A análise foi dividida em três etapas. Primeiramente, foi realizada uma leitura exploratória das edições selecionadas, com o objetivo de identificar os trechos que refletiam as vozes conflitantes presentes nos discursos políticos. A segunda etapa envolveu a codificação temática desses trechos, organizando-os em categorias como: (1) as vozes dos coronéis e suas facções, (2) as representações dos opositores e (3) as narrativas de poder hegemônico, que consolidavam as figuras dos coronéis como líderes dominantes. Por fim, a análise discursiva foi aplicada para examinar como essas vozes e narrativas se articulam para construir as relações de poder, evidenciando, através dos conceitos bakhtinianos, como as diferentes vozes disputam legitimidade e espaço no discurso público.

É importante destacar que a pesquisa enfrentou algumas limitações devido à disponibilidade de fontes. Embora tenha sido realizada uma busca abrangente nos acervos disponíveis, algumas edições dos jornais estavam ausentes ou deterioradas, o que restringiu a totalidade dos dados possíveis de serem analisados. No entanto, as edições selecionadas foram consideradas suficientes para proporcionar uma visão representativa das dinâmicas políticas da época e das formas como os jornais funcionaram como agentes de construção e manutenção de poder local.

A relação entre teoria e dados é garantida em cada análise exposta no texto, no qual foi aplicado, de forma prática, os conceitos de polifonia e heteroglossia de Bakhtin. A análise dos excertos extraídos dos jornais aqui apresentados será estruturada para ilustrar como as vozes políticas presentes nessas publicações se confrontam e se dialogam. É possível observar como os discursos hegemônicos das elites se combinam com as falas da oposição, e como essas interações refletem as tensões políticas e sociais da época.

Na conclusão, a pesquisa contribuirá para os debates sobre o coronelismo e a polifonia no contexto das práticas jornalísticas, fornecendo uma compreensão mais profunda de como os jornais atuaram na formação e perpetuação de um sistema político autoritário. Além disso, a análise dos dados permitirá concluir sobre a função da imprensa como ferramenta de controle social, evidenciando sua importância na construção de uma narrativa favorável às elites, que consolidava a hegemonia política, ao mesmo tempo em que silenciava as vozes divergentes. Isto é, a pesquisa revelou que os referidos jornais desempenharam um papel estratégico na legitimação do poder coronelista em Vitória da Conquista, funcionando como instrumentos de controle político e social. Por meio de análises discursivas, identificou-se que

as publicações reforçavam narrativas hegemônicas e marginalizavam vozes dissidentes. Essa dinâmica evidenciou a imprensa como um elemento central na perpetuação das hierarquias sociais da época. Nas considerações finais, reflete-se sobre o impacto dessa estrutura no jornalismo atual e a necessidade de práticas mais inclusivas.

O SURGIMENTO DA IMPRENSA EM VITÓRIA DA CONQUISTA

O surgimento da imprensa remonta à segunda metade do século XV, com a disseminação das técnicas de impressão nos centros urbanos da Europa. Essas inovações precederam as primeiras máquinas impressoras, que se tornaram pilares do poder simbólico, contribuindo para a difusão do protestantismo e a fragmentação da cristandade (Thompson, 2014, p. 56).

À medida que a mídia evoluiu, isso ocorreu de maneira implícita, sem processos oficializados. Thompson (2014) destaca que o jornalismo adotou métodos das ciências sociais e valores de outros grupos, como os *hackers*, gerando um acúmulo de habilidades que permitiram uma melhor quantificação e manipulação de dados (Thompson, 2014, p. 367).

Essa modernização da mídia está diretamente ligada ao contexto econômico, político e social. Com o tempo, jornalistas adquiriram competências analíticas, especialmente em função de políticas públicas de transparência, o que lhes permitiu manipular bancos de dados e aprimorar a qualidade do jornalismo digital.

Além disso, o desenvolvimento dos jornais brasileiros foi impulsionado por diversos fatores, como os avanços nos transportes, a criação de agências de notícias e inovações tecnológicas. Esses elementos foram cruciais para a expansão da imprensa no Brasil.

Esses progressos também marcaram o jornalismo de Vitória da Conquista, Bahia, especialmente no início do século XX, quando os jornais “A Conquista” e “A Palavra” surgiram como veículos centrais nas disputas oligárquicas locais. A análise dessas publicações deve levar em conta os aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da região, refletindo como a imprensa se estabeleceu, não apenas como um repositório de memórias, mas como um marco histórico relevante.

No contexto brasileiro da década de 1910, a imprensa de Vitória da Conquista capturou os acontecimentos políticos locais, que estavam intimamente ligados à memória social do jornalismo e à história do Brasil (Halbwachs, 1990). Nessa época, os jornais serviam como extensões da memória dos grupos políticos, representando suas visões e garantindo a preservação de seus interesses.

A primeira publicação impressa da cidade, “A Conquista”, foi lançada em 1911, após a chegada da Tipografia Minerva. Esse jornal, vinculado ao Coronel Gugé, simbolizava a influência de seus apoia-dores, enquanto os opositores eram sistematicamente excluídos do poder.

O jornalismo da cidade também refletia as tensões políticas entre famílias tradicionais. Embora o jornal “A Conquista” servisse aos interesses dos coronéis locais, como Gugé, sua fundação marcou um avanço significativo na circulação de informações e no desenvolvimento de uma imprensa local, mesmo que voltada para uma minoria letrada.

A chegada da tipografia foi um divisor de águas, trazendo mudanças sociais profundas à cidade, acompanhando o crescimento da população letrada e promovendo uma transformação comparável à construção de ferrovias. Para McLuhan (2003, p. 203), a máquina tipográfica representava uma sociedade que buscava progresso e desenvolvimento.

No entanto, o jornalismo em Vitória da Conquista não tinha como objetivo desafiar o poder opressor, mas sim manter o *status quo*. Controlado pelas elites econômicas e sociais, ele representava os interesses dos coronéis Gugé e Pompílio, que usavam os jornais “A Conquista” e “A Palavra” para manter sua influência política. Como destaca Marcondes Filho (1989), a imprensa raramente agia de forma independente, sendo frequentemente a voz de grupos políticos e econômicos poderosos (Marcondes Filho, 1989, p. 11).

Esses periódicos também ilustravam as disputas entre os coronéis, com publicações e acusações que refletiam suas rivalidades. Assim, o surgimento da imprensa em Vitória da Conquista foi um marco, não apenas para a comunicação local, mas também para a dinâmica política e social da região, espelhando o processo de modernização que ocorria em outras partes do Brasil e do mundo.

AS VOZES DO JORNALISMO NASCENTE EM VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA ANÁLISE DAS DISPUTAS DE PODER

Benetti (2008) analisa a interação entre personagens no contexto jornalístico, destacando a relação interna entre o autor (jornalista) e o leitor (cidadão) por meio da reportagem, gênero ao qual o fragmento analisado pertence. O texto jornalístico não apenas provoca, mas realiza interações significativas entre autores e leitores, que são representativos de diferentes ambientes sociais (Benetti, 2008, p. 116).

O jornalismo, por sua própria natureza, é um campo de interação social e cultural. Os jornalistas interagem com uma variedade de fontes para formar suas opiniões especializadas. Rogério Santos (1997) ressalta que “jornalistas e fontes formam um círculo hermenêutico, cujo entendimento visa à articulação de interesses comuns” (Santos, 1997, p. 169).

Benetti (2008) e Bakhtin (2013) desafiam as noções de seu tempo ao explorar o grau de proximidade ou distanciamento entre o discurso do autor e as personagens. Ele destaca a relação entre autor e fontes, indicando que a proximidade ideológica pode influenciar o discurso e a responsabilidade pelas falas das personagens.

Bezerra (2013), fundamentando-se em Bakhtin, afirma que “o homem-personagem é produto e veículo de discurso, está aberto como falante em diálogo com outros falantes e com o seu criador” (Bezerra, 2013, p. 11). No universo polifônico, o discurso da personagem e sobre a personagem resulta do tratamento dialógico, permitindo que a personagem articule seu próprio discurso e manifeste sua consciência individual (Bezerra, 2013, p. 11).

Bakhtin (2013) observa que um participante pode ser um interlocutor direto no diálogo cotidiano ou um grupo especializado em comunicação cultural. Ele afirma que “tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros; deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação ori-

ginal da representação que farei de mim mesmo” (Bakhtin, 2013, p. 301). Dessa forma, todos carregam consigo diversas vozes que os precedem, representando um mundo articulado diferente de si mesmo.

A citação do jornal *A Palavra* (1918) ilustra como o discurso jornalístico da época incorporava múltiplas vozes:

Segundo disseram-me alguns amigos, “A Conquista”, num dos seus contos das “Mil e Uma Noites”, publicou que me empenhei em uma senhora para me ver livre de uma droga que não conheci nem conheço... Ora vejam lá se faço caso de paupérrimo Jornal que se encarrega de cabalmente se desmentir das suas tão horríveis quão falsas acusações? (A Palavra, 1918).

Essa citação do jornal *A Palavra* (1918) exemplifica como o discurso jornalístico da época envolvia uma multiplicidade de vozes, sendo frequentemente marcado por respostas públicas e polêmicas entre diferentes veículos de imprensa. Nesse trecho, um interlocutor, que se identifica como alvo de uma notícia publicada por “A Conquista” (1911), usa o espaço de “A Palavra” para responder às acusações de forma irônica e defensiva.

A menção ao conto das “Mil e Uma Noites” sugere que o conteúdo publicado por “A Conquista” era visto como fantasioso e exagerado, insinuando que a acusação feita a ele era absurda. Ao descrever “A Conquista” (1911) como um “paupérrimo jornal”, o autor demonstra desprezo, desacreditando a veracidade da notícia e enfatizando o caráter difamatório do conteúdo. A escolha de termos como “horríveis” e “falsas” reforça o tom indignado e emocional de sua resposta.

Esse tipo de discurso reflete não só a rivalidade entre publicações, mas também a forma como o jornalismo daquela época servia como uma arena para o confronto de narrativas. A citação evidencia a prática de defesa pública contra acusações, utilizando o próprio meio jornalístico como plataforma de resposta, contribuindo para a construção de uma imprensa que, além de noticiar, também participava ativamente das disputas públicas.

Embora o jornalismo nascente de Vitória da Conquista possa parecer primitivo em comparação ao jornalismo moderno, ele é crucial para a compreensão daquele período. O discurso jornalístico da época revela a constituição de embates entre diversas vozes, mesmo quando essas vozes são indiretas.

Pinto (2000) classifica as fontes segundo perspectivas e interesses, considerando aspectos como natureza (pessoal ou documental), origem (pública ou privada), duração (esporádica ou permanente), âmbito geográfico (local, nacional ou internacional), grau de envolvimento nos fatos (primária ou secundária), atitude em relação aos jornalistas (ativa ou passiva), identificação (explicitada ou confidencial), e metodologia ou estratégia (proativa ou reativa).

Essa classificação é fundamental para compreender as complexas interações entre jornalistas e fontes e como essas relações moldam a produção jornalística e a percepção pública.

Quadro 1 — Matriz da tipificação das fontes de notícias

| Categoria | Grupo | Ação | Crédito | Qualificação |
|-------------------|---------------|-------------|----------------|---------------------|
| Primária | Oficial | Proativa | Identificada | Confiável |
| Secundária | Empresarial | Ativa | Sigilosa | Fidedigna |
| | Institucional | Passiva | | Duvidosa |
| | Individual | Reativa | | |
| | Testemunhal | | | |
| | Especializada | | | |
| | Referência | | | |

Fonte: Schmitz (2011b, p. 07).

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (Pinto, 2000).

Vale destacar a importância da classificação proposta por Schmitz (2011b), que examina a oferta de material para a prática jornalística. Segundo Schmitz, a fonte primária é aquela que fornece o conteúdo essencial de uma matéria, refletindo e polarizando a posição político-partidária do autor. Isso é evidente nas disputas políticas de Vitória da Conquista, conforme observado no corpus analisado.

Os agentes jornalísticos não abandonam suas posições de fala ou classes sociais, mas conseguem atrair outras perspectivas e classes para seu mundo ideológico de poder. Isso se manifesta claramente nas fontes e vozes dos primeiros jornais de Vitória da Conquista, que adotam uma abordagem partidária e coronelista.

No contexto da imprensa nascente em Vitória da Conquista, as fontes predominantemente transmitem vozes únicas que defendem uma perspectiva partidária uniforme. Essas fontes não toleram vozes ou fontes que divergiriam de sua conduta ideológica, refletindo uma falta de diversidade na cobertura jornalística da época.

Quadro 2 — Proposta de matriz da tipificação das fontes mistas de notícias

| Categoria | Grupo | Ação | Crédito | Qualificação |
|------------------|--------------|-------------|----------------|---------------------|
| Mista | Endogâmicos | Ativa | Identificada | Duvidosa |
| | Individual | Proativa | | |
| | Testemunhal | Reativa | | |

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2022).

As fontes mistas desempenham um papel crucial na construção das narrativas jornalísticas, especialmente em contextos de disputa política, como o analisado nos jornais “A Conquista” e “A Palavra” durante o período do coronelismo em Vitória da Conquista. O quadro de tipificação das fontes mistas apresentada evidencia como essas fontes, classificadas como endogâmicas individuais e testemunhais, contribuem para a formação de discursos que tanto legitimam quanto contestam estruturas de poder, embora, muitas vezes, apresentem limitações em termos de confiabilidade.

O termo “endogâmico” refere-se a fontes oriundas do mesmo círculo social ou político analisado, ou seja, indivíduos que estão diretamente inseridos no contexto de disputa e cujas opiniões são moldadas por suas relações e interesses dentro do grupo. Em “A Conquista”, por exemplo, relatos de comerciantes locais alinhados ao coronel Gugé podem ser apresentados como uma validação da ordem e do progresso promovidos pela elite dominante. No entanto, o caráter endogâmico dessas fontes limita sua imparcialidade, já que suas falas estão intrinsecamente ligadas a interesses próprios ou do grupo ao qual pertencem. Esse viés endogâmico é uma característica central das fontes mistas, que, frequentemente, oferecem informações valiosas, mas que devem ser analisadas com cuidado para evitar generalizações ou manipulações.

Além disso, a ação proativa, ativa e reativa dessas fontes reforça sua relevância e complexidade na construção das narrativas. As fontes proativas, como líderes políticos ou comerciantes que voluntariamente contribuem com informações para os jornais, muitas vezes tentam influenciar a opinião pública em favor de suas próprias agendas. Já as fontes ativas, que respondem a questionamentos da imprensa, podem fornecer dados que complementam ou legitimam as narrativas em curso. Por outro lado, as fontes reativas, geralmente acionadas em resposta a eventos ou polêmicas, têm o potencial de desafiar narrativas dominantes, como no caso de depoimentos em “A Palavra”, que denunciavam abusos de poder por parte das elites.

Um ponto crucial destacado no quadro é o crédito identificado dessas fontes. Diferentemente de fontes anônimas ou sigilosas, as fontes mistas frequentemente aparecem nomeadas, o que confere a elas um nível de transparência que pode fortalecer sua credibilidade perante o público da época. No entanto, o fato de serem identificadas não elimina completamente o questionamento sobre sua confiabilidade. Muitas dessas fontes são qualificadas como duvidosas, devido ao seu viés endogâmico, que tende a alinhar suas declarações com os interesses do grupo político ou social ao qual pertencem. Em “A Palavra”, por exemplo, depoimentos de cidadãos identificados como opositores às elites locais são valiosos para a narrativa de resistência, mas podem ser vistos com ceticismo pelo leitor que deveria buscar uma análise mais neutra dos fatos.

Essa qualificação como “duvidosa” não implica que essas fontes sejam descartáveis, mas que devem ser interpretadas de forma crítica. A inclusão de fontes mistas nos jornais permite que diferentes perspectivas sejam apresentadas, ampliando a diversidade de vozes e promovendo um debate mais amplo. No entanto, a utilização dessas fontes como pilares das narrativas requer um esforço do jornal em contextualizar suas falas e, sempre que possível, confrontá-las com outras perspectivas para equilibrar o discurso.

Por fim, a tipificação das fontes mistas destacada no quadro sublinha a importância de compreender a origem, o contexto e a motivação das informações jornalísticas. Em cenários como o coronelismo de Vitória da Conquista, essas fontes são essenciais para capturar a dinâmica de poder em sua totalidade, mostrando não apenas as ações das elites, mas também as percepções, resistências e interesses dos grupos sociais diretamente envolvidos. Embora sua confiabilidade seja relativa, sua presença nos jornais contribui para enriquecer as narrativas e oferecer uma visão mais completa das tensões políticas e sociais do período.

Dessa forma, o quadro apresentado *não apenas organiza, mas também justifica a análise das fontes mistas como ferramentas indispensáveis na construção das narrativas jornalísticas, mesmo em sua complexidade e ambiguidade. Esse equilíbrio entre utilidade e questionamento reforça o papel da imprensa como mediadora das vozes sociais, mesmo em contextos de polarização e disputa política.*

Diante do exposto, a análise das vozes nos discursos jornalísticos revela a complexidade da pesquisa, que vai além da simples identificação de “quem fala”. Para identificar as falas, é necessário que o método de investigação diferencie entre locutores e enunciadorees. Assim, é fundamental mapear “quem fala” e classificar as fontes em categorias, como oficiais e não-oficiais (Benetti, 2008).

O jornalismo nascente de Vitória da Conquista, Bahia, apresentava características que Marcondes Filho (2000) descreve como pertencentes à fase do “primeiro jornalismo” ou “jornalismo político e literário”. Esse tipo de jornalismo visava a expor o “obscurantismo à luz do esclarecimento político-ideológico” e funcionava como uma “caixa acústica de ressonância”, veiculando programas político-partidários e as ideias dos políticos da época (Marcondes Filho, 2000, p. 11).

O jornal “A Conquista” (1911), fundado em Vitória da Conquista, foi o primeiro periódico da cidade. Sua criação foi impulsionada pelos interesses políticos de José Fernandes de Oliveira, conhecido como Coronel Gugé. Gugé era uma figura política de destaque na região, servindo como intendente em diversas ocasiões e exercendo grande influência sobre seus aliados e a política local.

Enquanto isso, no jornal “A Palavra”, tal reivindicação e crítica direta ao poder público não eram comuns, o que diferencia o tom e a postura de “A Conquista” (1911), visto que, no jornal “A Palavra” (1917), as disputas pelo poder local consolidavam-se de fatos. Tais disputas entre os Partidos Democratas “A Palavra” (1917) e os Partidos Republicanos “A Conquista” (1911), onde os ânimos se mostravam aflorados, tinham o desejo de expor ou desconstruir a imagem de seus adversários, por meio de relatos publicados semanalmente.

Eram evidentes as vinculações entre indivíduos de maiores destaques na política conquistense do período, como Cel. Pompílio Oliveira Nunes, primo do Cel. Gugé, e Cel. Manoel Emiliano Moreira de Andrade (Maneca Moreira), líder da oposição juntamente com o Cel. Pompílio Nunes, afilhado do Cel. Gugé.

Dessa forma, os objetivos eram defender a imagem dos intendentes e de seus apoiadores, o plano era usar os argumentos que tinham naquele momento. Assim, fazendo referência ao segundo jornal da cidade, “A Conquista” (1911) alegava que o jornal “A Palavra” trazia em suas páginas comprovações de que aquele periódico não tinha compromisso com a verdade, ou, pelo menos, com a verdade que “A Palavra” (1917) ecoava.

Queiroz (1976) assevera que “a base sobre o qual se edificou o coronelismo regional foi a propriedade fundiária” (Queiroz, 1976, p. 45). Ponderando a possibilidade de afirmar que é através das disputas de poder, expostas nas páginas do jornalismo nascente da cidade de Vitória da Conquista, que revigoraram os laços de disputas entre os blocos políticos e as famílias patriarcais, bem como construiu novos laços de comunicação na região, reforçando o gosto pela política que, concomitantemente, contribuía na transição de uma população agrária e rural para cidade industrial.

Assim exposto, as vozes das fontes estreitavam os laços de compadrio, a fim de fortalecer seus propósitos políticos e alçar novos espaços do poder local. Desse modo, fazer ecoar a voz de um coronel, era a mais pura “forma de demonstração de reconhecimento, fidelidade e simpatia, pois ali também estavam os signos das coesões sociais” (Queiroz, 1976, p. 45).

Nesse sentido, as vozes encontradas nos jornais fortaleciam ainda mais os signos dos líderes locais. Mesmo se dividindo em dois grupos, o jornalismo nascente conquistense conseguia transformar e caracterizar ainda mais o coronelismo local, de poder monopolizador, pois a legitimidade e aceitação se baseiam no *status*, ou seja, um senhor absoluto onde se fortalece “como elemento dominante nas instituições sociais, econômicas e políticas” (Pang, 1979, p. 20). Tal *status* é reforçado pelas vozes de gugenianos e pompilianos, publicadas nos periódicos “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917).

Além disso, Silva (2009) conota que as posições de intelectuais dos professores e advogados eram motivo de desejos por grande parte da população interiorana, uma vez que tinham o dom da oratória e enredavam sobremaneira a vida cotidiana, com os assuntos considerados por eles como mais importantes.

Silva (2009) expressa ainda que esses profissionais conseguiam intervir tanto nas questões sociais quanto nas políticas locais, através dos meios de comunicação, justamente por ocuparem espaços e status sociais na sociedade. Entretanto, Vitória da Conquista não foi exceção, pois os advogados e professores almejavam ocupar os espaços, sempre se mostrando pró ou contra os poderes dos intendentes locais, para isso, fez uso do primeiro meio de produção intelectual da cidade, a Tipografia Minerva e o seu *Hebdomadário Independente*, bem como o jornal “A Conquista” (1911) e o jornal “A Palavra” (1917).

A análise das vozes nos discursos jornalísticos revela a complexidade do cenário político e social em Vitória da Conquista, Bahia. Esse contexto não se limita à simples identificação de “quem fala”, mas requer um método de investigação que diferencie entre locutores e enunciadores. Para tanto, é essencial mapear “quem fala” e classificar as fontes em categorias, como oficiais e não-oficiais (Benetti, 2008).

O jornalismo nascente na cidade, conforme Marcondes Filho (2000), era caracterizado pelo “primeiro jornalismo” ou “jornalismo político e literário”. Essa modalidade tinha como objetivo expor o “obscurantismo à luz do esclarecimento político-ideológico”, funcionando como uma “caixa acústica de ressonância” para os discursos políticos da época. O jornal “A Conquista” (1911), fundado por José Fernandes de Oliveira, o Coronel Gugé, destacou-se como o primeiro periódico da cidade, impulsionado por interesses políticos e uma forte influência sobre a política local.

Contrapõe-se a esse jornal o “A Palavra” (1917), que não costumava fazer críticas diretas ao poder público, o que evidenciava uma diferença significativa de tom e postura entre as publicações. A rivalidade entre os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917) espelhava as disputas entre os Partidos Democratas e Republicanos, revelando ânimos exaltados e a intenção de desconstruir a imagem dos adversários por meio de narrativas publicadas semanalmente. Essa dinâmica não apenas refletia as tensões políticas da época, mas também moldava a identidade política local, com as vozes das fontes se entrelaçando para fortalecer os laços de compadrio e objetivos políticos.

A análise das vozes dos indivíduos destacados na política de Vitória da Conquista, como Cel. Pompílio Oliveira Nunes e Cel. Manoel Emiliano Moreira de Andrade (Maneca Moreira), é crucial para entender como esses líderes influenciaram a cobertura jornalística. A intersecção entre suas ações e as narrativas veiculadas nos jornais contribuiu para a formação de um clima político que não apenas solidificou o coronelismo, mas também definiu a estrutura de poder local. Queiroz (1976) afirma que “a base sobre a qual se edificou o coronelismo regional foi a propriedade fundiária”, o que reforça a ideia de que as disputas de poder nos jornais não eram meramente políticas, mas também sociais e econômicas.

É vital considerar também o que foi silenciado ou marginalizado nas narrativas dos jornais. Quem não teve voz? Que histórias foram apagadas ou distorcidas? A análise crítica deve investigar a exclusão de grupos sociais menos favorecidos e suas experiências, evidenciando a necessidade de um jornalismo mais inclusivo e representativo.

As repercussões dessas disputas de poder no jornalismo de Vitória da Conquista ainda são sentidas nos dias de hoje. As práticas e vozes que emergiram naquele período continuam a ecoar na forma como o jornalismo é conduzido, influenciando não apenas a cobertura de eventos locais, mas também a relação entre a população e seus representantes. Os advogados e professores da época, que buscavam ocupar espaços no debate político e social, ainda encontram suas vozes ressoando nas dinâmicas contemporâneas de comunicação, evidenciando a continuidade da luta por reconhecimento e representação.

As vozes dos jornais de Vitória da Conquista não apenas refletem, mas também moldam a realidade política local. A rivalidade entre “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917) exemplifica a complexidade do jornalismo político, onde a construção de identidades e a luta pelo poder se entrelaçam. Essa análise crítica das narrativas não apenas enriquece a compreensão do passado, mas também fornece subsídios para um futuro jornalístico mais justo e representativo, que busca incluir todas as vozes na construção de uma sociedade mais equitativa.

A análise dos textos de Benetti (2008) e Bakhtin (2013) revela uma convergência teórica significativa na compreensão das interações discursivas no campo jornalístico e na representação de vozes no discurso. Ambos os autores destacam a importância do diálogo, das relações de poder e da polifonia no discurso, sendo que Bakhtin oferece um arcabouço teórico essencial para compreender a dinâmica entre as vozes presentes no jornalismo nascente de Vitória da Conquista.

Benetti (2008) aborda o jornalismo como um espaço de interação social, cultural e política, no qual diferentes atores – jornalistas, fontes e leitores – articulam-se em uma teia de relações mediadas pelo discurso. A ideia de que o jornalismo incorpora e articula vozes de distintos ambientes sociais conecta-se diretamente à noção de polifonia de Bakhtin, que sugere que todo discurso é, essencialmente, dialógico e moldado pelas interações entre os sujeitos. Em especial, a análise de Bakhtin sobre a proximidade ideológica entre o autor e as personagens dialoga com o conceito de Benetti sobre o papel das fontes como coautoras do discurso jornalístico, capazes de influenciar o conteúdo e a percepção pública.

No contexto da imprensa coronelista de Vitória da Conquista, essa interação adquire uma dimensão particular. O jornalismo local da época, conforme os exemplos citados (como no caso do jornal “A Palavra”, não apenas noticiava, mas também desempenhava um papel ativo na construção de narrativas de poder, representando interesses partidários e coronelistas. As fontes, predominantemente endogâmicas e politicamente alinhadas, eram utilizadas para reforçar uma visão ideológica única, evidenciando

uma prática jornalística que Bakhtin descreveria como limitada em sua polifonia. Ainda assim, mesmo nesse cenário, as disputas entre veículos, como exemplificado na resposta irônica de um interlocutor a acusações de outro jornal, ilustram o caráter dialógico e conflitante que é central ao pensamento bakhtiniano.

POLIFONIA, DIALOGISMO E HETEROGLOSSIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA DE 1910

Para garantir que os conceitos teóricos de Bakhtin sejam efetivamente aplicados à análise dos dados, a pesquisa segue uma metodologia que articula esses conceitos diretamente aos excertos extraídos dos jornais “A Conquista” e “A Palavra”. A seguir, é apresentada a maneira como cada conceito será operacionalizado no contexto da análise dos discursos jornalísticos.

O conceito de polifonia, proposto por Bakhtin, será utilizado para analisar a presença de múltiplas vozes no discurso jornalístico, especialmente as vozes dos coronéis, seus aliados e seus opositores. A polifonia se refere à coexistência de diferentes perspectivas, que podem ser tanto complementares quanto contraditórias. Na análise dos jornais, a polifonia será explorada para identificar como diferentes grupos políticos e sociais utilizam os jornais como espaço para a expressão de suas ideias, muitas vezes em um campo de tensão e confronto.

Exemplo de aplicação:

No jornal “A Conquista”, um excerto descreve a retórica de um discurso proferido pelo Coronel Gugé, que ataca a oposição. Esse excerto será analisado à luz da polifonia ao identificar as diferentes “vozes” presentes no discurso: a voz do coronel, a voz do jornal, como aliado da política do coronel, e as vozes silenciadas da oposição. A polifonia é, então, refletida na forma como essas vozes coexistem, apesar de sua oposição, e como o jornal serve de meio para sustentar uma única visão de poder dominante, marginalizando as vozes discordantes.

Já o conceito de dialogismo será utilizado para entender como os discursos presentes nos jornais dialogam uns com os outros. O dialogismo implica que qualquer discurso é uma resposta a outro, uma vez que os discursos não existem isolados, mas sempre em interação. No contexto dos jornais de Vitória da Conquista, essa interação será analisada nas respostas entre as publicações de “A Conquista” e “A Palavra” que frequentemente entravam em disputas diretas, com acusações e defesas públicas.

Exemplo de aplicação:

Em um excerto do jornal “A Palavra”, um editor responde ironicamente a uma acusação feita por “A Conquista” sobre corrupção envolvendo o Coronel Pompílio. A análise utilizará o dialogismo para mostrar como o jornal “A Palavra” não apenas reagiu a um discurso de ataque, mas constrói sua própria narrativa, respondendo e reformulando a acusação. A dialogia é, portanto, evidenciada na forma como as vozes se influenciam mutuamente, com o jornal “A Palavra” alterando o significado das acusações de “A Conquista”, para fortalecer a posição política de seus aliados.

A heteroglossia, por sua vez, refere-se à diversidade de discursos e vozes presentes em um único texto, refletindo as diferentes camadas sociais, políticas e culturais que coexistem e se entrelaçam. Nos jornais de Vitória da Conquista, a heteroglossia será aplicada para entender como as tensões sociais e políticas se manifestam nos discursos jornalísticos. A análise procurará identificar a presença de diferentes discursos, como o das elites coronelistas, dos opositores e dos grupos sociais subordinados, mesmo que estes últimos frequentemente apareçam de maneira velada ou marginalizada.

Em uma edição de “A Conquista”, um artigo critica abertamente os opositores políticos, usando uma linguagem agressiva e autoritária, enquanto “A Palavra”, por outro lado, utiliza uma linguagem mais conciliatória, mas com um tom subentendido de crítica. A heteroglossia será analisada nesse contexto para entender como diferentes vozes políticas se entrelaçam nas publicações, e como essas vozes são configuradas de maneiras distintas, refletindo as divisões sociais e políticas da cidade.

Tão logo, a aplicação dos conceitos de polifonia, dialogismo, heteroglossia (Bakhtin) nos excertos dos jornais “A Conquista” e “A Palavra” permite uma análise mais profunda e integrada, que articula a teoria com os dados empíricos. Cada conceito é utilizado de forma a esclarecer as dinâmicas de poder, as estratégias de argumentação e as relações de discurso que caracterizavam as disputas políticas em Vitória da Conquista, garantindo que a teoria fundamenta e guia a interpretação dos dados, proporcionando uma análise rica e fundamentada. Assim, cada conceito teórico é explicitamente vinculado aos dados, permitindo que a análise se articule diretamente com o referencial teórico

Bakhtin (2013) também contribui para a análise do discurso jornalístico, ao destacar a relação entre locutores (quem fala) e enunciadorees (quem é representado no discurso), um aspecto crucial para entender as disputas políticas e ideológicas veiculadas pela imprensa local. Nesse sentido, a classificação das fontes proposta por Pinto (2000) e Schmitz (2011b) reforça a necessidade de mapear as vozes que emergem nesses discursos, distinguindo aquelas que são primárias, endogâmicas ou mistas, e reconhecendo como essas interações configuram a narrativa jornalística.

Assim, os estudos de Bakhtin fundamentam uma leitura aprofundada da imprensa conquistense, possibilitando identificar as vozes e os interesses ideológicos que estruturam os discursos. A aplicação de sua teoria ao jornalismo revela que, mesmo em contextos marcados pela polarização ideológica e pela homogeneidade de fontes, o discurso é sempre um espaço de interação, conflito e transformação, permitindo compreender a função social e política do jornalismo no período estudado.

A análise histórica das interações discursivas presentes nos jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917), como apresentado no primeiro texto, evidencia que o jornalismo nascente em Vitória da Conquista era mais do que um repositório de fatos. Ele atuava como um espaço de disputa política e construção de poder, refletindo a tensão entre diferentes atores sociais. Para compreender a profundidade e a complexidade dessas dinâmicas, é fundamental recorrer a abordagens teóricas que desvendem como essas vozes se articulam e se contrapõem.

Nesse sentido, os conceitos de polifonia, dialogismo e heteroglossia, trazidos por Mikhail Bakhtin, ampliam a compreensão do discurso jornalístico e sua função social. O próximo texto utiliza essas ferramentas analíticas para aprofundar a análise, revelando como as narrativas presentes nos periódicos eram moldadas por múltiplas vozes, reforçando hegemonias e, ao mesmo tempo, expondo os conflitos latentes que permeavam o cenário político da época.

As contribuições de Bakhtin para este estudo oferecem uma perspectiva multifacetada para a análise do discurso jornalístico, especialmente no contexto das relações de poder e disputas políticas presentes nos jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917). Por meio dos conceitos de polifonia, dialogismo e heteroglossia, Bakhtin fornece ferramentas teóricas para desvendar a complexidade das interações discursivas e suas implicações sociais. Esses conceitos são essenciais para compreender como o jornalismo de Vitória da Conquista no início do século XX atuava não apenas como reflexo da sociedade, mas como um agente ativo na construção e perpetuação das dinâmicas de poder.

No contexto dos periódicos analisados, a polifonia revela-se fundamental para expor a multiplicidade de vozes que coabitam os textos jornalísticos. Nestes jornais, as vozes dos coronéis, opositores políticos e da comunidade local emergem como participantes ativos em um campo de disputas ideológicas. No entanto, é crucial observar que essa polifonia não é neutra, mas direcionada por interesses políticos específicos que moldam a maneira como essas vozes interagem.

A interação entre essas vozes revela tanto alianças quanto confrontos, como as críticas mútuas entre os jornais exemplificam. Essa dinâmica não só amplifica as tensões políticas, mas também legitima certos discursos enquanto marginaliza outros. Assim, a análise bakhtiniana permite identificar como essas múltiplas vozes contribuem para a construção de uma narrativa jornalística que sustenta as estruturas de poder oligárquico, servindo como extensão das disputas entre coronéis e seus adversários.

O conceito de dialogismo, que destaca a interação contínua entre discursos, é particularmente útil para compreender a função dialógica desempenhada pela imprensa coronelista. Os periódicos não apenas registravam eventos, mas também respondiam a narrativas preexistentes e se posicionavam em relação ao cenário político local.

Por exemplo, “A Palavra” (1917) frequentemente reagia a provocações de “A Conquista” (1911), demonstrando como o jornalismo se engajava em uma disputa ativa por hegemonia discursiva. Essa relação dialógica evidencia que o jornalismo da época não era uma prática isolada, mas parte de um tecido social e histórico mais amplo, em que os textos jornalísticos funcionavam como arenas de confronto ideológico.

A heteroglossia, ou a coexistência de diferentes estilos e vozes dentro de um texto expõe a diversidade (ou a falta dela) nas narrativas jornalísticas de Vitória da Conquista. Embora os jornais, aparentemente, incorporassem uma pluralidade de perspectivas, a predominância dos discursos das elites políticas e econômicas aponta para um silenciamento sistemático de grupos marginalizados. A limitação no alcance da heteroglossia reflete uma imprensa que reforçava as hierarquias sociais ao invés de desafiá-las. Por outro lado, a análise da heteroglossia também permite identificar os momentos em que vozes divergentes conseguiam emergir, revelando fissuras no controle discursivo exercido pelas elites.

A aplicação dos conceitos de Bakhtin também suscita uma reflexão ética sobre a responsabilidade da imprensa, tanto no passado quanto no presente. No contexto coronelista, os jornais serviam como instrumentos de propaganda e controle social, levantando questões sobre quem tem o direito de falar e como essas narrativas moldam a percepção pública.

Hoje, essa análise histórica oferece *insights* para o jornalismo contemporâneo. A necessidade de representar uma diversidade de vozes de forma justa e inclusiva permanece como um desafio ético,

especialmente em sociedades marcadas por desigualdades estruturais. A obra de Bakhtin, ao iluminar as dinâmicas de exclusão e silenciamento, proporciona uma base teórica para questionar as práticas jornalísticas atuais e buscar um jornalismo mais democrático.

Assim, ao se destacar a polifonia, o dialogismo e a heteroglossia, enriquece a análise crítica do discurso jornalístico em Vitória da Conquista. Os conceitos bakhtinianos permitem desvelar como os jornais locais atuavam como extensões das disputas políticas, legitimando a hegemonia dos coronéis e silenciando vozes alternativas. Ao mesmo tempo, esses conceitos instigam reflexões sobre as responsabilidades do jornalismo na construção de narrativas mais inclusivas. Compreender o papel histórico da imprensa é essencial não apenas para preservar a memória social, mas também para repensar a prática jornalística como um agente de transformação social em direção à equidade e à justiça.

Em:

Vi meu nome na lista dos participantes que o Snr Cel. Pompílio publicou: atribuí o pedido de respeitável senhora, ignorando o fim. Porém, sabendo que é para eleição, declaro que meu voto é para o Cel. Gugé, e nunca acompanharei o Cel. Pompílio. Conquista 21 de Agosto de 1911 - Deco Basílio Chaves (A Conquista, 1911, p. 02) [Sic].

E:

Para não. incorrermos em seus cândidas iras quod omnen avertat Deus, sere-mos sucintos [...] Sobejos motivos nos fazem supor que a sabedoria do Cel. bem compreender o que se escreve cá em baixo, nem saber o que se passa entre os míseros mortais.[...] Vá dar lições ao seu cosinheiro, homem de Deus! (A Conquista, 1911, p. 01) [Sic].

Os dois trechos selecionados refletem, de maneira marcante, a aplicação das teorias de Mikhail Bakhtin sobre o diálogo e a heterogeneidade no discurso. O filósofo russo argumenta que o discurso não é um fenômeno isolado ou autossuficiente, mas uma troca dinâmica entre diversas vozes, ideologias e contextos históricos. O conceito de “relacionamento dialógico” está bem ilustrado nos trechos extraídos do “A Conquista” (1911), que apresenta um campo de disputas políticas onde as figuras dos coronéis e suas estratégias de poder se manifestam através de múltiplas camadas discursivas.

No primeiro trecho, Deco Basílio Chaves se posiciona de forma explícita contra o coronel Pompílio, declarando seu voto ao coronel Gugé, ao mesmo tempo que reconhece, ainda que de maneira indireta, a importância da disputa política local. O enunciado de Chaves reflete a heterogeneidade do discurso, pois sua voz se insere em um contexto maior de tensões entre diferentes figuras de poder na política coronelista da região. Embora ele fale de forma individual, sua fala ressoa com outras vozes da comunidade e do cenário político, representando uma crítica e, ao mesmo tempo, uma afirmação das regras do jogo político local.

A presença de uma polifonia no discurso é clara quando Chaves afirma, ao mesmo tempo, que não acompanhou o coronel Pompílio, mas se posiciona dentro do mesmo sistema político que ele, e que também representa interesses que vão além de seu próprio ponto de vista. Aqui, a voz de Chaves não é

uma simples expressão de uma opinião isolada, mas um reflexo das diversas pressões e tensões internas e externas que formam o cenário político da época.

O segundo trecho exemplifica como a ironia e o sarcasmo são usados para enfraquecer a figura do coronel Pompílio. A combinação de expressões latinas e referências religiosas, como “quod omnem avertat Deus” e “in excelsis”, além do tom sarcástico, revela um conflito interno no discurso. O autor parece desejar manter uma aparência de respeito formal, mas a crítica implícita e o tom irreverente indicam um distanciamento das convenções sociais estabelecidas e uma tentativa de desestabilizar a autoridade do coronel.

Segundo Bakhtin, o texto nunca é um “texto puro”; ele é sempre um entrelaçamento de vozes, ideias e contextos que se misturam para criar um significado complexo. Nesse caso, o texto não apenas critica o coronel Pompílio, mas também reflete um sistema mais amplo de crenças, valores e tensões sociais. A voz que se insurge contra o coronel não é isolada, mas sim um reflexo da luta política e ideológica de uma comunidade que tenta contestar as práticas autoritárias e a hegemonia local.

Tanto no primeiro quanto no segundo trecho, o gênero jornalístico se mostra como um espaço de inter-relações dinâmicas e respostas dialógicas, como define Bakhtin. O jornalismo da época não apenas reportava eventos, mas também atuava como uma arena de disputas ideológicas, onde as vozes se entrelaçavam para afirmar ou contestar poderes estabelecidos. A escolha de palavras, o tom irônico, e até mesmo a seleção de temas são estratégias que refletem as lutas de poder, posicionando o autor do texto (no caso, provavelmente um jornalista ou editor do periódico) como um ator ativo nesse processo de transformação social.

Essa interação entre as vozes da sociedade – do coronel, do jornal, dos leitores e das demais autoridades locais – exemplifica o conceito bakhtiniano de que o discurso é sempre moldado por um contexto maior de poder e ideologia. O autor, ao mesmo tempo que se posiciona contra a figura do coronel, também está ciente da necessidade de manipular e responder a outras vozes que buscam ocupar espaços de hegemonia na cidade.

A ideia de Bakhtin de que o texto é uma “realidade vívida”, uma expressão das vivências e das tensões sociais, se reflete na análise dos dois trechos. O uso do discurso como uma ferramenta de resistência, e não apenas de afirmação, é um reflexo das lutas políticas locais, em que a manipulação do voto e das lealdades era uma prática comum. Os textos não são apenas relatos distantes ou neutros, mas estão imersos em um campo de conflito imediato e palpável, revelando as divisões sociais e políticas que caracterizavam a cidade e a região de Vitória da Conquista no início do século XX.

Esses dois trechos, portanto, são representações diretas da luta que caracterizava o ambiente político da época. O uso da palavra como arma não se limita a uma crítica vazia ou sem contexto, mas se insere em uma dinâmica de disputa constante, onde cada enunciado é uma resposta ao anterior, e cada voz tem um papel na construção de uma realidade social e política mais ampla. Nesse sentido, a crítica ao coronel Pompílio, tanto no tom de Deco Basílio Chaves quanto no sarcasmo do segundo trecho, não é apenas uma questão de opinião pessoal, mas uma manifestação de resistência em um contexto mais amplo de manipulação e luta pelo poder.

Assim, é possível perceber com clareza como o discurso político no jornalismo da época estava imerso em uma complexa teia de interações e disputas, sendo simultaneamente único e plural. De acordo com Bakhtin, os discursos são sempre dialógicos, compostos por múltiplas vozes que se confrontam e se constroem em relação umas às outras. Os textos de “A Conquista” (1911), ao evidenciar a manipulação de poder e a resistência através de formas discursivas diversas, exemplificam como o jornalismo atuava não apenas como informante, mas como um campo ativo de transformação social e política, refletindo a realidade de um Brasil em transição, com suas tensões, disputas e manifestações de resistência.

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E POLÍTICA NA IMPRENSA NASCENTE DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917) estavam predominantemente focados na disputa política local da época. Esses interesses não apenas sustentavam e justificavam o jornalismo nascente em Vitória da Conquista, como também eram mantidos pelos principais adversários políticos da cidade: Coronel Gugé e Coronel Pompílio.

A configuração política local, marcada por vínculos de parentesco, permitia certo controle sobre as nomeações. Por exemplo, Pompílio, cujo núcleo familiar incluía opositores, nomeou o comerciante Lima Guerra como Intendente, evidenciando a relação de ajuste de interesses. A oposição se intensificou com a reforma promovida por Seabra, que transferiu a escolha e nomeação dos Intendentes Municipais ao Governador, permitindo a manutenção dos aliados no poder local (Medeiros, 2022, informação verbal).

Na Vitória da Conquista da década de 1910, a influência política sobre a mídia era evidente e diferenciada em comparação com outras regiões. Em muitos países e cidades da América Latina, o surgimento da imprensa e do jornalismo foi impulsionado por movimentos populares que buscavam combater o poder burguês, como ocorreu em Minas Gerais. No entanto, em Vitória da Conquista, a imprensa foi desenvolvida por intelectuais. Segundo Gramsci (2020), os intelectuais atuam como “prepostos” do grupo dominante, desempenhando funções subalternas na hegemonia social e no governo político.

Em relação à hegemonia, Gramsci (2000) aponta dois aspectos: (1) O consenso “espontâneo” das massas, decorrente da confiança e prestígio do grupo dominante, devido à sua posição na produção; (2) O aparelho de coerção estatal, que assegura a disciplina dos grupos discordantes, principalmente em momentos de crise, quando o consenso enfraquece.

Dessa forma, o jornalismo em Vitória da Conquista seguiu uma linha similar à da imprensa imperial: de letrados para letrados e do poder para os influentes. Assim, é possível afirmar que a imprensa nascente na cidade teve uma origem distinta daquela observada em outras partes do mundo.

Essa abordagem era condizente com a realidade da região, afastada dos grandes centros, onde o surgimento de novos políticos e a prosperidade comercial e educacional dependiam fortemente do apadrinhamento dos líderes locais. A intensa disputa entre as famílias Fernandes Gugé e Pompílio Nunes acabou envolvendo dissidentes de outras famílias locais, solidificando a imprensa de Vitória da Conquista como um agente político local (Medeiros, 2022).

A partir do final do século XIX, com o surgimento do jornalismo local, a sociedade de Vitória da Conquista começou a vivenciar a midiaticização. Naquela época, a mídia referia-se principalmente à imprensa periódica, que desempenhou um papel crucial na transformação social impulsionada pelo meio impresso, particularmente pelo jornalismo da época. Vitória da Conquista não foi exceção a essas transformações. A prática comunicativa descrita por Couldry e Hepp (2020) também pode ser observada na cidade, apesar de alguns considerarem essa afirmação “ousada ou antecipada”. Segundo os autores, o mundo da comunicação, embora possa parecer inerte, está repleto de interações e diálogos. Assim, o jornalismo nascente em Vitória da Conquista, através dos jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917), trouxe essas construções sociais para a cidade e cidades vizinhas.

Figura 1 — Foto do dia da inauguração do jornal “A Conquista” em 1911



Fonte: Taberna da História.

Os artigos de “A Conquista” exemplificam a natureza dos debates políticos locais. Por exemplo, um artigo critica a família de um adversário político, destacando a falta de autenticidade nas acusações feitas contra eles:

“Os artigos do velho São Pompílio Nunes de Oliveira são veredas sinuosas, emendicas e labirínticas, pelas quais o caminheiro não pode dar um passo firme. [...] Seu punhal do << Esmagadora Repulsa>> feriu gravemente o coração da família Fernandes de Oliveira, e seu bálsamo não vale uma gota de água comum!” (A Conquista, 1911) [Sic].

Esse trecho reflete a intensidade e o caráter acirrado dos debates políticos locais na época, utilizando um discurso agressivo e profundamente irônico para criticar um adversário político, São Pompílio Nunes de Oliveira. O artigo busca deslegitimar as críticas feitas por ele à família Fernandes de Oliveira, apontando não apenas a falta de autenticidade em suas acusações, mas também a ineficácia de seus argumentos.

A metáfora das “veredas sinuosas, emendicas e labirínticas” sugere que os textos de São Pompílio eram confusos e enganosos, dificultando uma compreensão clara ou uma posição firme sobre os assuntos discutidos. A crítica atinge seu auge quando o autor afirma que o “punhal” do artigo de Pompílio, intitulado *Esmagadora Repulsa*, feriu gravemente a família mencionada, mas que seu “bálsamo” *não possui valor algum, nem mesmo comparável a uma gota de água comum. Essa comparação demonstra o desprezo do autor pela tentativa de Pompílio de atenuar os danos causados, sugerindo que qualquer esforço de sua parte seria inútil e ineficaz.*

O uso de uma linguagem tão figurada e contundente é característico da retórica política da época, onde a imprensa local funcionava como um palco para ataques pessoais e conflitos entre facções políticas. A crítica vai além da política e atinge o caráter moral e pessoal de São Pompílio, revelando o nível de polarização e o uso do jornalismo como uma arma retórica nesse contexto.

Essas mudanças na midiatisação foram facilitadas pela introdução das máquinas de impressão na cidade, o que provocou transformações significativas no desenvolvimento sociocultural local. Como McLuhan (1969) afirma, “toda tecnologia cria gradualmente um ambiente humano totalmente novo”. As inovações tecnológicas no campo midiático permitiram transformar a esfera social da cidade, embora essas mudanças tenham se originado da influência de uma única família e não da coletividade.

Portanto, ao analisar o impacto do jornal impresso na cidade, observa-se que esse meio de comunicação rompeu barreiras entre espaços sociais anteriormente distintos. Um exemplo é a crítica à gestão pública em um artigo:

Todos os conquistenses sabem que o saudoso e nobre cavalheiro Cel. Francisco Santos criou um Diretório Político e obrigou S.S. a torrar mamona para fazer azeite, como disse um dos nossos advogados. [...] S.S. diz que não precisa dos cofres públicos, mas o Cel. Guerra, quando o ilustre Dr. Landulpho Medrado foi hospedado aqui, ao ler a receita apresentada pelo hospedeiro (S.S.), disse em voz alta: “O homem não se esquece nem dos vinténs de pimenta-do-reino!” (A Conquista, 1911).

Esse trecho demonstra como o jornal “A Conquista” atuava como mediador de disputas políticas e sociais, utilizando uma linguagem cheia de sarcasmo para criticar figuras locais e, ao mesmo tempo, engajar a comunidade em discussões sobre ética pública. O impacto desse tipo de discurso ia além da mera informação, pois mexia diretamente com as reputações dos envolvidos e mostrava como o jornalismo emergente era uma ferramenta de pressão e influência sobre os acontecimentos e as dinâmicas de poder na cidade.

Também nos é revelado o impacto social e político que o discurso jornalístico exercia no local, destacando como o meio impresso servia para veicular críticas e expor tensões entre figuras influentes da cidade. O discurso aqui construído é fortemente sarcástico e crítico, apontando diretamente para a figura de S.S. (Pompílio Nunes)² e suas práticas questionáveis na vida pública.

É evidente que o ponto central da crítica é reforçado pela ironia de que S.S. (Pompílio Nunes) teria afirmado não depender dos cofres públicos, enquanto o Cel. Guerra, em uma situação específica, sugere o contrário, ao expor o suposto comportamento de S.S. em relação ao dinheiro público. A fala do Cel. Guerra, citada de forma jocosa – “O homem não se esquece nem dos vinténs de pimenta-do-reino!” (A Conquista, 1911). – Intensifica o tom de escárnio e insinua uma obsessão de S.S. por minúcias financeiras, reforçando uma crítica moral sobre o suposto apego dele a recursos públicos, mesmo que em pequenas quantidades.

A midiaticização desses temas na imprensa local ampliava as disputas de poder, permitindo que questões antes restritas aos círculos mais elitistas fossem debatidas de maneira mais ampla, envolvendo a opinião pública e desafiando as hierarquias sociais e políticas estabelecidas.

De acordo com Correa, o jornalismo estabeleceu “relações dos atores com o horizonte”, organizadas em termos de “zonas de relevância”, um conceito da Fenomenologia Social que se refere à proximidade em relação ao “aqui e agora” das atividades individuais (Adone; Mane *apud* Correa, 2019, p. 09).

Esse período da imprensa de Vitória da Conquista revela uma transformação sociocultural e o surgimento de novas formas de organização social. A análise da mídia de massa e do campo político da época permite compreender a política midiaticizada e a influência da midiaticização sobre as mudanças sociais, com uma visão prospectiva sobre o fenômeno futuro (Stromback, 2008).

A sociedade midiaticizada conquistense ganhou forma com a presença onipresente das redes de comunicação, particularmente através do jornal impresso e das tecnologias de comunicação da época. Essas inovações possibilitaram interações mais rápidas e amplas, não apenas entre os moradores da cidade, mas também entre os grupos sociais locais.

Assim, a relação entre a imprensa de Vitória da Conquista e o capitalismo não se manifestou na forma de grandes empresas, mas na produção voltada para a venda e lucratividade. O jornalismo da época atendia à clientela coronelista, que se via como letrada e dominante. Nesse contexto, “a ascensão burguesa acompanha, necessariamente, o lento desenvolvimento das relações capitalistas no país e sofre um tortuoso processo, que nada tem de contínuo ou de harmonioso” (Werneck Sodré, 1999, p. 276).

No entanto, essa aproximação entre a imprensa e o capitalismo visava principalmente ao lucro, sem defender interesses maiores como os direitos dos cidadãos ou minorias. A simbiose entre a mídia e a política tinha o propósito de manter o poder dos coronéis, enquanto as classes menos favorecidas ou marginalizadas estavam imersas nas disputas e sujeitas a submissão. Apenas os detentores do poder eram ouvidos através da midiaticização.

2 Grifo nosso.

Quadro 3 — Análise dos Discursos nos Jornais “A Conquista” e “A Palavra”

| Aspecto/Conceito | A Conquista (1911) | A Palavra (1917) |
|---------------------------|--|---|
| Vozes Principais | Coronéis e facções dominantes; voz hegemônica do Coronel Gugé | Oposição política; voz contestadora, chamando à ação coletiva contra as elites |
| Polifonia | Predominância de uma única voz (a do coronel), marginalização de outras vozes | Presença de múltiplas vozes, com forte ênfase na oposição ao poder local, mas com uma voz dominante (oposicionista) |
| Heteroglossia | Ausência de vozes dissidentes explícitas; a voz do coronel é a que prevalece | Vozes da oposição presentes, desafiando a narrativa hegemônica, mas com vozes menos presentes e marginalizadas |
| Dialogismo | Discurso autoritário que deslegitima a oposição, criando uma narrativa de “ordem” imposta pelo coronel | Diálogo com o discurso hegemônico, respondendo ao ataque e propondo uma nova narrativa de resistência |
| Função Social do Discurso | Consolidação da ordem coronelista; reforço da hierarquia social e política | Contestação ao <i>status quo</i> , tentando mobilizar a ação coletiva contra o controle das elites locais |
| Estratégias de Poder | Uso da imprensa para reforçar a imagem do coronel como líder natural e necessário | Apelo à ação popular, visando a enfraquecer a autoridade das elites e a centralização do poder |
| Técnicas Retóricas | Linguagem de autoridade, ordem e progresso; omissão de perspectivas contrárias | Linguagem de resistência e denúncia, com um apelo emocional à unidade popular contra os poderosos |

Fonte: elaboração própria.

O quadro sintético proposto oferece uma análise comparativa entre os jornais “A Conquista” e “A Palavra”, com base nos conceitos teóricos de polifonia, heteroglossia, dialogismo, função social do discurso, estratégias de poder e técnicas retóricas. A seguir, apresenta-se uma dissertação detalhada sobre como cada uma dessas categorias foi explorada nos excertos analisados, explicando suas implicações para a compreensão das dinâmicas de poder e das relações políticas nas publicações.

Vozes Principais

A primeira coluna do quadro identifica as vozes principais presentes nos jornais. Em “A Conquista”, a voz predominante é a do coronel Gugé e suas facções, com um discurso que, embora seja apresentado de forma indireta e por meio de uma narrativa única, é amplamente dominante. A publicação serve como um canal para reforçar o prestígio e a autoridade do coronel, posicionando-o como a figura central que mantém a ordem na cidade. Isso reflete a ideia de polifonia (Bakhtin), onde há uma única voz hegemônica, e outras vozes, principalmente as dissidentes, não têm espaço para se expressar.

Por outro lado, em “A Palavra”, a principal voz é a da oposição política, representada por aqueles que desafiam o controle exercido pelos coronéis. Essa publicação adota um discurso mais plural e contestatório, tentando engajar o público em uma ação coletiva contra as elites dominantes. Embora haja uma voz dominante em “A Palavra” — a voz que chama o povo à resistência — ela é mais inclusiva, refletindo uma variedade de perspectivas que buscam contestar a ordem estabelecida. A presença dessas vozes dissidentes revela uma polifonia mais evidente e uma heteroglossia mais rica.

A coluna de Polifonia detalha como as vozes se distribuem e competem nos discursos dos jornais. Em “A Conquista”, a polifonia é limitada, pois o discurso do coronel se sobrepõe a outras vozes, reforçando uma monofonia de poder. Isso se alinha ao conceito de homogeneização da voz hegemônica, em que as outras perspectivas políticas são ofuscadas ou ignoradas. O jornal se torna um veículo que apenas reforça a ordem já estabelecida sem dar espaço para uma pluralidade de opiniões. Essa dinâmica de polifonia restrita reflete um controle centralizado sobre o discurso, algo típico das práticas de comunicação durante o coronelismo.

Em contraste, “A Palavra” apresenta um espaço discursivo mais aberto à polifonia, com as vozes da oposição disputando o espaço político e discursivo com a facção dominante. Embora ainda haja uma predominância da voz contestadora, a presença de uma polifonia mais diversificada no jornal permite que diferentes setores da sociedade possam se articular e se opor aos poderosos, desafiando a narrativa imposta pelo jornal hegemônico.

A heteroglossia, conceito central em Bakhtin, é abordada de forma mais explícita em A Palavra, onde múltiplas perspectivas e camadas de significado se sobrepõem no discurso. O jornal A Palavra oferece um exemplo claro de heteroglossia, ao trazer diferentes vozes e formas de discurso que criticam a elite dominante e apresentam alternativas à ordem estabelecida. A utilização de diversas formas de discurso, incluindo apelos emocionais e lógicas argumentativas, mostra como a heteroglossia é usada para apresentar um contraponto à narrativa autoritária de “A Conquista”.

Em “A Conquista”, a heteroglossia é mais limitada. Embora o jornal aborde questões políticas, ele o faz de uma forma unidimensional, sem explorar as tensões internas ou os diferentes discursos que podem surgir dentro da própria elite ou da sociedade. A ausência de vozes dissidentes explícitas em A Conquista aponta para uma homogeneização do discurso que favorece a unidade e a estabilidade da narrativa hegemonicamente imposta.

O dialogismo é outro conceito fundamental para compreender a dinâmica entre os dois jornais. Em “A Conquista”, o discurso é monológico, com a voz do coronel e de sua facção dominante sendo quase que inquestionável. A interação com outras vozes, como as da oposição, é mínima ou indireta, o que caracteriza um dialogismo ausente ou, no máximo, implícito. O jornal não busca interagir com outros pontos de vista, mas afirma sua própria autoridade sem deixar espaço para questionamentos.

Já em “A Palavra”, o dialogismo é mais evidente. O jornal responde diretamente ao discurso de “A Conquista”, questionando suas afirmações e oferecendo uma narrativa alternativa. Essa resposta direta às críticas e aos ataques mostra como os discursos competem no campo público, gerando um diálogo de vozes que reflete o confronto entre diferentes forças políticas e sociais.

Função Social do Discurso

A função social do discurso varia significativamente entre os dois jornais. “A Conquista” tem como função manter a ordem estabelecida e reforçar a legitimidade das elites. O discurso serve para justificar a manutenção do poder dos coronéis e consolidar a aceitação passiva do povo, muitas vezes, utilizando uma linguagem autoritária que sugere que a liderança das elites é não apenas necessária, mas natural para o bom funcionamento da cidade.

Em “A Palavra”, a função social do discurso é contestatória. Ao contrário de “A Conquista”, que busca manter a hegemonia das elites, “A Palavra” tem como função questionar essa ordem e propor alternativas. A ideia é mobilizar a população contra os poderosos e criar um senso de unidade entre as camadas sociais que estão em desacordo com o sistema político vigente. A função aqui é, portanto, desafiadora, propondo uma mudança política e social.

As estratégias de poder em A Conquista são baseadas na normalização da autoridade dos coronéis. O discurso visa não apenas a reforçar a figura do coronel como líder natural, mas também a perpetuar um modelo de poder que é visto como essencial para a manutenção da ordem social. O uso da imprensa, nesse sentido, funciona como uma ferramenta para a legitimação do poder e para a manipulação da opinião pública.

Em “A Palavra”, as estratégias de poder visam a desafiar essa legitimidade. O jornal utiliza uma linguagem mais direta e emocional para convocar a população à ação, tentando romper com as estruturas de poder dominantes e promover uma mudança política. A estratégia é mobilizar o povo, apelando para um sentimento coletivo de resistência contra as elites dominantes.

As técnicas retóricas utilizadas em “A Conquista” e “A Palavra” também são bastante distintas. “A Conquista” utiliza uma linguagem formal, sofisticada e autoritária, com o objetivo de estabelecer uma distância entre os leitores e os protagonistas políticos, quase sempre impondo uma verdade absoluta. O uso de um tom objetivo e racional ajuda a consolidar a imagem de um jornal confiável e respeitado, o que fortalece a ideia de que sua narrativa é incontestável.

Já em “A Palavra”, as técnicas retóricas são mais emocionais e apelos, diretos, buscando engajar o leitor de forma mais visceral. A linguagem de resistência é mais persuasiva, apelando para o senso de justiça e ação coletiva. Essa abordagem é mais mobilizadora, procurando incitar o leitor a questionar a ordem estabelecida e a se unir contra o domínio das elites.

O quadro sintético e a análise detalhada dos excertos dos jornais “A Conquista” e “A Palavra” proporcionam uma compreensão aprofundada de como os jornais atuaram não apenas como veículos de informação, mas como instrumentos de poder na construção de narrativas políticas. Através da polifonia, heteroglossia, dialogismo, e das estratégias discursivas, é possível observar como a mídia local foi utilizada para reforçar a hegemonia das elites coronelistas e, ao mesmo tempo, como foi contestada pela oposição que tentava subverter esse poder. A análise do quadro, portanto, serve para destacar a complexidade das relações de poder no contexto do coronelismo e o papel central da imprensa nesse processo. Ao analisar os jornais “A Conquista” e “A Palavra”, podemos perceber como a construção do discurso em “A Conquista” revela uma dinâmica de poder centrada na figura do coronel, que monopoliza a narrativa e impede o surgimento de outras perspectivas políticas. A ausência de vozes da oposição

nesse jornal não é uma simples questão de omissão, mas uma escolha discursiva que visa a reforçar a hegemonia da facção dominante. Isso pode ser interpretado à luz da teoria de polifonia, que em sua essência descreve a coexistência de múltiplas vozes em um mesmo espaço discursivo. No entanto, em “A Conquista”, essa polifonia é profundamente restrita. A ausência de vozes dissidentes implica que o discurso do jornal se configura de forma monológica, com uma única voz dominante que se impõe sem contestação, criando um ambiente onde a pluralidade discursiva é suprimida. Esse fenômeno pode ser observado como uma estratégia discursiva deliberada, em que a articulação do poder se faz através da exclusão e do silenciamento de outras perspectivas. O resultado é uma narrativa homogênea, na qual o poder dos coronéis é naturalizado e aceito como a única forma legítima de governança.

Além disso, a ausência de outras formas de discurso, como o da oposição, pode ser analisada à luz do conceito de heteroglossia. A heteroglossia, em sua definição, refere-se à multiplicidade de vozes e discursos que coexistem e interagem em um mesmo contexto. Em “A Conquista”, ao não dar espaço para as vozes dissidentes, o jornal silencia as perspectivas que não correspondem à ordem estabelecida. Essa ausência de vozes dissidentes cria uma narrativa em que apenas um meio de discurso — o da elite dominante — tem espaço para se manifestar. Dessa forma, outras formas de poder, como a oposição, são marginalizadas ou silenciadas, contribuindo para a manutenção da hierarquia social e política sem questionamentos.

Por outro lado, o “A Palavra” se apresenta como uma resposta direta a essa narrativa de “A Conquista”, tentando contrapor a voz dominante que o jornal da facção governante propaga. A análise de dialogismo é fundamental nesse caso, pois o “A Palavra” não cria uma narrativa isolada, mas sim uma que responde diretamente ao discurso hegemônico de “A Conquista”. A relação entre os dois jornais é dialógica, ou seja, cada um constrói seu discurso em resposta ao outro, refletindo um conflito discursivo constante. Em “A Palavra”, a presença da oposição não é apenas uma forma de representação, mas uma reação direta à imposição de uma narrativa única, que visa a contestar as relações de poder estabelecidas. O diálogo entre as duas publicações reflete o embate entre as duas forças políticas: a facção dominante e a oposição que busca mobilizar a população para o rompimento com a ordem estabelecida.

Esse conflito discursivo tem implicações profundas para a compreensão da mídia como uma ferramenta de poder político. Através dessa relação dialógica, os dois jornais não apenas informam, mas também disputam o controle da narrativa pública, influenciando a percepção dos leitores sobre o poder e a política. “A Conquista” utiliza a centralização do discurso como uma forma de consolidar sua autoridade, enquanto “A Palavra” usa a crítica e a contestação para buscar criar uma narrativa alternativa que desafia o *status quo*. Dessa maneira, a mídia, representada por esses dois jornais, torna-se um campo de batalha onde as disputas políticas são travadas e as vozes dominantes e dissidentes competem pela formação da opinião pública.

Assim, o estudo da imprensa em Vitória da Conquista, focado nos jornais “A Conquista” e “A Palavra”, oferece uma reflexão sobre o papel central que a mídia desempenhou no contexto do coronelismo, uma estrutura política em que as elites locais exerciam um controle rígido sobre as questões políticas e sociais. A análise dos periódicos demonstra que a mídia, longe de ser um simples canal de comunicação, funcionava como um instrumento ativo de poder. Essa pontuação é particularmente relevante, porque destaca o poder da imprensa não só na disseminação de informações, mas também na construção de narrativas que sustentavam a ordem política e social do momento.

Nesse primeiro jornal foi possível observar uma clara estratégia de polifonia restrita, já que, em grande parte, servia como uma ferramenta de propaganda política para as elites coronelistas, posicionando a figura do coronel como a única fonte legítima de poder e estabilidade. Ao adotar uma retórica que centraliza o discurso na autoridade do coronel Gugé, “A Conquista” exclui qualquer forma de oposição, o que resulta em um discurso autoritário e homogêneo. A ausência de vozes dissidentes e a escolha de omitir ou marginalizar qualquer ponto de vista contrário à hegemonia coronelista reforçam a ideia de que a mídia estava profundamente alinhada com os interesses da elite local. Nesse sentido, a imprensa, mais do que informar, legitimava o poder dos coronéis, funcionando como um pilar essencial para a manutenção do *status quo*.

O quadro a seguir consegue detalhar as técnicas retóricas utilizadas por “A Conquista” e “A Palavra”, categorizando-as por função, objetivo e impacto na narrativa política.

Quadro 4 — Comparação das Estratégias Retóricas dos Jornais

| Categoria | A Conquista | A Palavra |
|--------------------------|--|---|
| Tom discursivo | Formal, autoritário, com foco na ordem e na estabilidade | Emotivo, persuasivo, com apelos à resistência e à ação coletiva |
| Estratégias de persuasão | Apelo à legitimidade e autoridade das elites | Apelo ao senso de justiça e à mobilização popular |
| Uso da linguagem | Rigorous, técnico, sem espaço para ambiguidades | Direto, com palavras de impacto e frases de efeito |
| Objetivo | Consolidar o poder coronelista | Desafiar a hegemonia e propor uma nova ordem política |

Fonte: autoria própria.

Assim, esse processo de legitimação do poder pela imprensa, evidenciado no primeiro jornal da cidade, não é um fenômeno isolado, mas reflete uma característica comum de regimes autoritários, nos quais a mídia é usada para manipular a percepção pública e consolidar o controle político. A própria função social do discurso em “A Conquista” é clara: seu objetivo era reforçar a ordem estabelecida, assegurando que a autoridade dos coronéis fosse vista como uma necessidade inquestionável para o funcionamento da cidade. A linguagem utilizada no jornal buscou transmitir a ideia de que a estabilidade e o progresso de Vitória da Conquista dependem da continuidade do poder dos coronéis, ocultando as possíveis alternativas ou questionamentos a esse modelo de governança.

Por outro lado, “A Palavra” oferecia uma resposta direta a essa narrativa dominante, atuando como um jornal opositor. O estudo revela que, ao contrário de “A Conquista”, o “A Palavra” apresenta uma polifonia mais rica, dando espaço para diversas vozes, especialmente as de setores da sociedade que estavam à margem do poder coronelista. A oposição não apenas se faz presente, mas se articula de forma a desafiar diretamente a narrativa estabelecida pelos jornais dominantes. Através de um discurso mais emotivo e mobilizador, o “A Palavra” convoca a população a resistir à autoridade dos coronéis e a lutar por uma reconfiguração da ordem política local. Essa abordagem, caracterizada pela utilização de apelos diretos ao senso coletivo, revela como a mídia pode ser, também, uma ferramenta de subversão e mobilização política, ao dar voz aos oprimidos e marginalizados.

O confronto entre os dois jornais ilustra de forma clara o conceito de dialogismo, onde o discurso de “A Palavra” não é apenas uma expressão isolada, mas uma resposta direta ao discurso hegemônico de “A Conquista”. Nesse sentido, “A Palavra” não cria uma narrativa apenas para informar, mas para “desafiar”, criando uma tensão discursiva que reflete a luta pelo controle da opinião pública. Esse embate entre as narrativas é um reflexo das tensões políticas da época, em que as elites coronelistas tentavam consolidar sua posição e as forças de oposição buscavam romper com essa dominação. A análise de “dialogismo” mostra como os discursos competem, se sobrepõem e se influenciam mutuamente, criando um espaço de contestação política na mídia.

No entanto, a mídia, mesmo em sua função de resistência, enfrentava limitações significativas. O estudo também revela que, apesar da tentativa de “A Palavra” de mobilizar a população e desafiar a hegemonia, sua capacidade de impactar efetivamente as estruturas de poder era restrita. A manipulação da opinião pública por meio de jornais como “A Conquista” permitia que a narrativa das elites fosse hegemônica, e qualquer voz dissidente, mesmo quando presente em “A Palavra”, era, muitas vezes, sufocada pelo controle de recursos e pela centralização do poder. A análise de estratégias de poder, em ambos os jornais, mostra como a mídia, em contextos de coronelismo, é utilizada para reforçar ou desafiar a autoridade, mas sempre dentro de um campo onde o controle social é fundamental.

O estudo também revela um ponto crucial: a centralidade da mídia na formação das narrativas políticas. Os jornais não são meros instrumentos de transmissão de informações, mas atuam como agentes ativos na configuração e legitimação das relações de poder. A forma como as elites utilizam os jornais para consolidar sua autoridade e como a oposição se utiliza da mesma ferramenta para contestar esse poder reflete a importância estratégica da mídia em qualquer processo político. Em um contexto como o do coronelismo, no qual a hierarquia social e política estava profundamente arraigada, a mídia se tornava não apenas um reflexo da realidade, mas um motor de mudança ou de estabilização.

Portanto, ao analisar “A Conquista” e “A Palavra”, fica claro que os jornais desempenham um papel muito mais complexo do que simplesmente informar. Eles “constroem e moldam” as narrativas políticas, reforçando as estruturas de poder ou desafiando-as, dependendo da perspectiva das facções políticas envolvidas. A imprensa, no contexto do coronelismo, torna-se uma arena onde as “disputas pelo poder” não se dão apenas nas ruas ou nas instituições, mas também no espaço simbólico, nas palavras e nas imagens que circulam na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como os jornais “A Conquista” (1911) e “A Palavra” (1917) atuaram como instrumentos de poder político em Vitória da Conquista durante o período de 1911 a 1917, marcado pela forte presença do coronelismo. Através da aplicação dos conceitos bakhtinianos de polifonia, heteroglossia e dialogismo, a pesquisa buscou entender como esses periódicos não apenas refletiam, mas também contribuíam para as disputas políticas locais, moldando a percepção pública e consolidando a hegemonia das elites coronelistas.

A análise dos dados revelou que, em “A Conquista”, o discurso é amplamente dominado pela voz do coronel Gugé e suas facções, com uma “polifonia restrita” e uma clara ausência de vozes dissidentes, o que impede a verdadeira pluralidade discursiva. A publicação serve como um canal para reforçar a autoridade e o prestígio da elite dominante, criando um ambiente de “homogeneização” do discurso político. Em contraste, “A Palavra” se apresenta como uma resposta direta a esse domínio, oferecendo uma voz da oposição que busca contestar e subverter a ordem estabelecida, sendo um exemplo de “polifonia mais diversificada” e de “heteroglossia”, ao incorporar diferentes perspectivas e camadas de significado no discurso.

A relação dialógica entre os dois jornais reflete um conflito discursivo contínuo, em que “A Palavra” não apenas responde a “A Conquista”, mas cria uma narrativa alternativa que busca mobilizar a população contra as elites dominantes. Esse “dialogismo” entre os jornais mostra como a mídia local se tornou um campo de disputa onde as narrativas políticas se confrontavam, cada uma tentando consolidar sua autoridade e legitimar sua visão de poder.

As conclusões do estudo destacam o papel central da imprensa na formação da opinião pública e na manutenção das relações de poder. A análise das técnicas retóricas utilizadas pelos jornais mostra como “A Conquista” emprega uma linguagem de autoridade e controle, enquanto “A Palavra” utiliza estratégias discursivas mais mobilizadoras, apelando para a ação coletiva e a resistência popular. Essas dinâmicas ilustram como os jornais atuaram não apenas como fontes de informação, mas como agentes de construção de poder e de controle social, sendo fundamentais para a sustentação da hegemonia das elites coronelistas, mas também para a emergência de uma voz dissidente que buscava desafiar esse poder.

Por fim, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda das práticas jornalísticas durante o coronelismo, revelando como a imprensa foi utilizada tanto para consolidar o domínio das elites quanto para servir como uma plataforma de resistência. A análise da interação entre “A Conquista” e “A Palavra” oferece um exemplo claro de como os discursos jornalísticos são moldados pelas relações de poder e como a mídia pode ser tanto um instrumento de controle quanto de subversão, dependendo da posição social e política dos atores envolvidos.

A pesquisa abre, ainda, possibilidades para estudos futuros sobre o papel da imprensa em contextos políticos autoritários e de resistência, ampliando o entendimento sobre a relação entre mídia e poder em outras épocas e regiões.

REFERÊNCIAS

A CONQUISTA. Arquivo Privado do Escritório do Professor Dr. Rui Medeiros, Vitória da Conquista, BA.

A CONQUISTA. Hebdomedário independente, 1911. Jornal de circulação local. Arquivado no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Vitória da Conquista, BA. Sob administração da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, BA.

A PALAVRA. Arquivo Privado do Escritório do Professor Dr. Rui Medeiros, Vitória da Conquista, BA.

A PALAVRA. Jornal de circulação local, 1917. Arquivado no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Vitória da Conquista, BA. Sob administração da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, BA.

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem (1929)**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARBOSA, Alan A. **A influência do coronelismo no surgimento da imprensa da cidade de Vitória da Conquista – BA**. 2016. 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.
- BARBOSA, Alan Araújo; LIMA, Marcus Antônio de Assis. A influência do coronelismo no jornal “A Conquista”: primeiro jornal da cidade de Vitória da Conquista. **Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 618-638, set./dez. 2017. ISSN 1981-9943.
- BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudio; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 109-134.
- BENETTI, Marcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação**: uma abordagem metodológica. *Intexto*, Porto Alegre, n. 25, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4251> Acesso em 30 ago. de 2022.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 191-198.
- BEZERRA, Paulo. Uma obra à prova de seu tempo. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 7. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 9-40.
- CORREIA, João Carlos. **O poder do jornalismo e a mediatização do espaço**. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia-poder-jornalismo.pdf> Acesso em: 30 ago. de 2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias 1889-1934**: a Bahia na Primeira República Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, Braga, n. 2, p. 277-294, 2000.
- RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria social moderna**. Porto Alegre: Fênix, 1995.
- SANTOS, Maria Aparecida S. **Sobrevivência e tensões**: Salvador, 1890-1930. 1982. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Campinas: Pontes, 1997.

SCHMITZ, Ana A. Classificação das fontes de notícias. *In*: SCHMITZ, Ana A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011. p. 37-56.

SILVA, Marilda da. **Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos** [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009. 114 p. ISBN 978-85-98605-97-5. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8xxn2/pdf/silva-9788598605975-05.pdf> Acesso em: 30 ago. de 2022.

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Arreios, currais e porteiras: uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999.

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Uma polis sertaneja, fora do eixo e fora do centro: imprensa e memória nas disputas políticas em Vitória da Conquista (1962-1992)**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

STRÖMBÄCK, Jesper. Mediatization of politics. *In*: BUCY, Erik P.; HOLBERT, R. Lance (eds.). **Sourcebook for political communication research**. London; New York: Routledge, 2011. p. 367-382.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 4. ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 261 p.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WERNECK SODRÉ, Nelson. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

Submissão: 15/05/2025

Aceite: 27/10/2025